

RELAÇÃO PRESENTE E PASSADO: EXPERIÊNCIA DE UM PROJETO DE INTERVENÇÃO DIDÁTICA EM TURMAS DO ENSINO FUNDAMENTAL EM UMA ESCOLA DE CAXAMBU DO SUL - SC

Samira Peruchi Moretto - Universidade Federal da Fronteira Sul - Chapecó - Santa Catarina - Brasil

Ânderson Marcelo Schmitt - Universidade Federal da Fronteira Sul - Chapecó - Santa Catarina - Brasil

Lidiane Taffarel - Universidade Federal da Fronteira Sul - Chapecó - Santa Catarina - Brasil

Resumo

O presente artigo foi produzido a partir da experiência de estágio realizado com turmas do Ensino Fundamental em uma escola de Caxambu do Sul - Santa Catarina, município com pouco mais de quatro mil habitantes. Para o desenvolvimento do estágio foi muito importante a aplicação do Projeto de Intervenção Didática em Ensino de História, em que foi trabalhada a relação da História com o presente. Após pesquisa para diagnosticar o perfil dos alunos no Estágio I, constatou-se que a maioria dos alunos não relacionavam a História com suas vivências e por isso não gostavam da disciplina. Com a aplicação do Plano no Estágio II, notou-se na avaliação final a mudança de percepção dos alunos e o envolvimento dos mesmos durante as aulas ministradas.

Palavras chaves: Ensino de História; Ensino Fundamental; Plano de Intervenção.

Abstract

The present article was produced from the experience of internship with elementary school classes in a school in Caxambu do Sul - Santa Catarina, municipality with a little more than four thousand inhabitants. For the development of the stage was very important in the application of the Project of Didactic Intervention in Teaching History, in which it was worked in the relation History with the present. After research for diagnosis of students profile in First Stage, it was found that most of the students did not relate History to their experiences and so did not like the discipline. With an application of the Plan in Second Stage, it is not a final evaluation, a change of perception of the students and their surroundings during the classes taught.

Keywords: History Teaching; Elementary School; Intervention Plan

Introdução

A prática docente tem desafiado profissionais e acadêmicos na busca por metodologias e projetos que transformem o ensino em uma atividade de interesse dos alunos do Ensino Fundamental e Médio. Uma das formas de compreender os anseios dos estudantes é realizando observação e trabalhando com

Planos de Intervenção em sala de aula para a aprendizagem em História. Neste artigo, será destacada a importância destes planos na realização de estágio curricular, descrevendo a aplicação do projeto desenvolvido na Escola de Educação Básica Cândido Ramos de Caxambu do Sul-SC, nas disciplinas de Estágio Curricular Supervisionado I e II, em 2015 e 2016, do curso de Licenciatura em História da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Campus Chapecó/SC.

Selma Garrido Pimenta e Maria Socorro Lucena Lima (2012) defendem a realização do estágio em forma de projetos, gerando conhecimentos sobre o real. Afinal, para as autoras, o projeto contribui tanto para a formação do estagiário quanto para a criação de possibilidades de melhorias da escola, ou seja, é um caminho de mão-dupla. Essa forma de estágio permite que os futuros professores elaborem projetos que lhes permitam ao mesmo tempo compreender e problematizar as situações que observam. É o professor-pesquisador. Um estágio através de projetos de pesquisa permite que a profissão docente não seja vista como uma simples reprodução de conteúdos, e sim, que seja encarada como uma maneira de realizar pesquisas e construir conhecimento.

Para esse tipo de estágio, Pimenta e Lima (2012) ressaltam a importância do diagnóstico da escola, pois o mesmo é parte integrante de um planejamento. Para se fazer um planejamento ou uma intervenção, é preciso conhecer a realidade, ter as informações, conhecer os pontos positivos e negativos, enfim ter uma visão do estabelecimento de ensino. Para tanto, é necessário o diagnóstico, “examinar” a realidade escolar. O estagiário poderá observar a estrutura, organização, funcionamento, todos os detalhes da escola. Hábitos, cultura e rotina devem ser observados atentamente.

Ainda no Estágio I quando observamos turmas do Ensino Fundamental da EEB Cândido Ramos de Caxambu do Sul, diagnosticamos que 77% dos alunos não gostavam das aulas de História. Os resultados foram obtidos através de questionários aplicados com 31 alunos das duas turmas observadas.

Através desses questionários foi possível perceber que os estudantes da escola não viam relação entre o que é trabalhado na escola com o que experienciam na vida. A História é vista como o estudo do passado tanto pelos que gostam da disciplina, como pelos que não gostam. A maioria dos alunos não compreende a História como importante para entender as transformações, as mudanças, ou não, do homem no tempo. Para eles, a disciplina é para conhecer sobre os antepassados ou as “coisas do passado”.

Portanto, mesmo entre os estudantes que gostam da disciplina, há muito a visão tradicional da História que é o “estudo do passado” e o estudo de datas. Além dessa concepção tradicional da História, os alunos ainda consideram a disciplina cansativa e chata. Alguns comentaram que consideram importante e “até gostam” da disciplina, mas não gostam da forma como ela é

trabalhada em sala.

Diante disso, percebe-se a necessidade de trabalhar a relação da História com o presente, no Estágio II, com as turmas do Ensino Fundamental. O objetivo geral do Projeto de Intervenção foi, portanto, refletir sobre a relação entre presente e passado na História. Já os objetivos específicos foram de trabalhar o presente como ponto de partida da História; promover o diálogo entre presente e passado; fazer com que os alunos associem suas experiências com a História; apresentar uma aula mais atraente aos estudantes, com uso de metodologias diversificadas e debates que aproximem a atualidade com o passado; e estimular nos alunos o gosto pela disciplina de História.

A escola em que foi desenvolvido o Projeto de Intervenção localiza-se em Caxambu do Sul, município de 4.411 habitantes de acordo com o Censo 2010 do IBGE. Desses, 2.155 (48,86%) residem na área urbana e 2.256 (51,14%) na área rural. A agricultura é responsável por quase 85% do Movimento Econômico do Município, conforme dados oficiais.

Em 2002 a EEB Cândido Ramos tinha 690 alunos matriculados. Essa foi a média de alunos da escola por vários anos. No entanto, atualmente são pouco mais de 350 alunos. Em conversa com a diretora, ela acredita que essa queda no número de alunos se deve ao fato de outra escola, da rede pública municipal, passar a ofertar também os anos finais do Ensino Fundamental.

Conforme o Projeto Político Pedagógico (PPP), a Escola de Educação Básica Cândido Ramos iniciou seu funcionamento como Grupo Escolar Cândido Ramos em 01 de setembro de 1949. Em 26 de outubro de 1966 foi criado o ginásio normal com a denominação Professora Joaquina Blumenberg. Em 08 de fevereiro de 1971 passou para Escola Básica Cândido Ramos. Em 19 de dezembro de 1989 passou a denominar-se Colégio Estadual Cândido Ramos e finalmente em 28 de março de 2000 alterou a identificação para Escola de Educação Básica Cândido Ramos. Embora as mudanças de nomenclatura e na estrutura física, o colégio já iniciou seus trabalhos sendo público.

A estrutura física da EEB Cândido Ramos é muito boa se analisarmos a situação de muitas escolas do país. Há disponibilidade de equipamentos para aulas diferenciadas, bem como, o ambiente escolar é bem agradável. Outra característica da escola é de que as salas de aula são salas ambientes¹, o que faci-

¹ Salas ambiente são uma forma de organização interna, desenvolvidas em algumas escolas do Estado de Santa Catarina. O objetivo das mesmas é estabelecer uma nova forma no processo ensino-aprendizagem pois permite que cada disciplina ou blocos de disciplinas afins, se organize em uma única sala de aula, concentrando ali os recursos pedagógicos específicos e que atendam as especificidades da disciplina, do educando e do educador.

lita a disponibilização de materiais. É uma escola também em que há facilidade para agendar data shows ou salas de informática quando necessário.

Além disso, as turmas são pequenas, com média de 15 a 20 alunos cada, o que facilita as aulas, os debates e realizações de atividades.

Fundamentação teórica

O ensino tradicional de História, segundo Maria Auxiliadora Schmidt (2009), geralmente vem provocando o desinteresse por parte dos jovens alunos pelo fato de que lhes são apresentados “um amontoado de fatos históricos destinados a ser memorizados sem que saibam para que e sem significado. Esse ensino exclui a possibilidade de compreensão da globalidade do real, dificultando o estabelecimento de relações entre a história estudada e a história vivida no presente” (SCHMIDT, 2009, p.204).

Sendo assim, a autora ressalta que uma das funções do ensino de História é fazer com que os alunos e professores possam identificar como também intervir e participar na realidade em que vivem, através do diálogo entre o presente e passado. “O importante é que os conteúdos trabalhados no ensino de História sejam significativos porque ajudam os alunos a entender o presente, sobretudo porque algo do presente os preocupa, e por isto, constroem o seu diálogo com o passado” (SCHMIDT, 2009, p.228).

Francielie Moretti (2013) também argumenta que ainda é preciso lidar com a desvalorização dos alunos que veem as aulas de História como chatas, cansativas, desinteressantes, pois na visão deles, às vezes, a História é o estudo somente do passado. Como foi observado com os alunos pesquisados durante nosso estágio.

É neste ponto que o estagiário/professor deve interferir, embora seja difícil, adotando “em sua prática docente mecanismos que permitam o educando perceber a História enquanto ciência/disciplina viva, que utiliza-se do passado para compreender as relações e estruturas sociais que organizam a humanidade” (MORETTI, 2013, p. 3). Portanto, o professor deve agir como historiador e fazer com que os alunos percebam que o ponto de partida é o presente, que é através do presente que olhamos para o passado.

Para Hobsbawm (1998), as relações entre passado, presente e futuro são indispensáveis:

É inevitável que nos situemos no *continuum* de nossa própria existência, da família e do grupo a que pertencemos. É inevitável fazer comparações entre o passado e o presente. É essa a finalidade dos álbuns de fotos de família ou

filmes domésticos. Não podemos deixar de aprender com isso, pois é o que a experiência significa (HOBBSAWM, 1998, p.36).

Marc Bloch (2001) já salientava que o objeto de estudo do historiador não é o passado propriamente dito, mas sim o homem como ser social, precisamente no seu tempo, na afirmação de que o tempo é por natureza contínua, na qual a História tem a capacidade de ser transformadora.

A história não seria mais entendida como uma “ciência do passado”, uma vez que, segundo Bloch, “passado não é objeto de ciência”. Ao contrário, era no jogo entre a importância do presente para a compreensão do passado e vice-versa que a partida era, de fato, jogada. Nessa formulação pretensamente simples estava exposto o “método regressivo”: temas do presente condicionam e delimitam o retorno, possível, ao passado (SCHWARCZ, Lilia. Apud: BLOCH, Marc, 2001, p. 7).

Lilia Schwarcz (Apud Bloch, 2001) ressalta também que segundo Febvre, a “história era filha de seu tempo”, o que já demonstrava a intenção do grupo dos Annales em problematizar o próprio “fazer histórico”. “Cada época elenca novos temas que, no fundo, falam mais de suas próprias inquietações e convicções do que de tempos memoráveis, cuja lógica pode ser descoberta de uma vez só” (SCHWARCZ, apud BLOCH, 2001, p.7).

Dessa forma, o que orienta o estudo da História são as perguntas/problemas geradas no nosso próprio tempo. Além disso, todos os indivíduos são sujeitos históricos que podem agir e transformar ou construir o processo histórico.

A teoria diz que o professor deve despertar nos alunos o entendimento de que todos são sujeitos históricos. Moretti (2013, p. 4) diz que o professor deve atuar, “oportunizando aos seus alunos a compreensão de que são sujeitos históricos, superando a visão de História enquanto ciência que estuda somente os fatos, acontecimentos e personagens do passado”.

A pergunta, no entanto, é como fazer?. Moretti (2013) tenta auxiliar os professores iniciantes. Ela sugere que o professor supere o uso exclusivamente do livro didático que possui sempre uma visão parcial. Então, o tornar as aulas mais atraentes para os alunos começa com uso de diferentes metodologias e materiais em sala de aula. O professor de História deve se sentir pesquisador, ou seja, não apenas transmitindo as informações contidas no livro, mas motivando o questionamento e a investigação do que dizem os textos.

Schmidt (2009) também propõe algumas “saídas” para a ruptura do

ensino tradicional de História. Sugere que a história seja trabalhada como um processo, em vez de tratá-la como linear ou evolutiva; que se privilegie a análise das experiências humanas nos conteúdos e a compreensão das mudanças ou transformações ocorridas na sociedade ao longo do tempo; que se busque uma prática de ensino que instrumentalize o aluno na “compreensão e interpretação da realidade social, contribuindo para a construção de sua identidade como sujeito da história” (p. 205). Ainda a autora sugere que “à ideia da História como estudo do passado, contrapõe-se o entendimento de que o passado não tem validade por ele mesmo. Sendo assim, professores e alunos devem subassumir um compromisso com o seu tempo, tomando sempre o seu presente como ponto de partida para a busca e a compreensão do conhecimento histórico” (SCHMIDT, 2009, p. 205). Schmidt salienta que as relações entre presente e passado devem ser observadas através das noções de “sucessão, duração, simultaneidade, semelhanças e diferenças, mudanças e permanências, continuidade e rupturas” (2009, p. 221).

Segundo a autora, “a relação com o passado tem como referência a inserção dos alunos no presente, é a partir dele que os eixos temáticos deverão ser abordados. Nesse sentido, o objeto do conhecimento histórico é a contemporaneidade” (SCHMIDT, 2009, p. 206). Para ela, é importante que os conteúdos abordados na disciplina sejam significativos porque ajudam o aluno a entender o presente. “Sobretudo porque algo do presente os preocupa, e por isto, constroem o seu diálogo com o passado” (SCHMIDT, 2009, p. 228).

A relação entre passado e presente também assume importância na produção de conhecimento histórico. Se o passado é importante para conhecer o presente, não é possível conhecer o passado sem estar inserido no presente. Afinal, estuda-se o passado com perguntas do presente. Só podemos agir no presente e esta é a única coisa que temos em relação ao que estudamos no passado: as ações ocorrem no presente.

Segundo Vavy Pacheco Borges (1993, p. 47), “a história é a história do homem, visto como um ser social, vivendo em sociedade. É a história das transformações humanas, desde o seu aparecimento na terra até os dias em que estamos vivendo”. Somos parte da História e desempenhamos nela um papel.

Aplicando o plano de intervenção

Para poder pensar no Projeto de Intervenção que seria mais apropriado aplicar com os alunos com os quais se trabalharia no estágio, foi realizado inicialmente um diagnóstico da escola e das turmas, para descobrir o perfil dos alunos da Escola de Educação Básica Cândido Ramos.

Conforme o Plano Político e Pedagógico (PPP) da escola, 55% do público-alvo do educandário são alunos residentes na cidade e 45% do interior,

de classe média baixa. Porém, esse equilíbrio no geral se dá devido ao Ensino Médio que é ofertado apenas na EEB Cândido Ramos em Caxambu do Sul. Já no Ensino Fundamental, pelo menos nas duas turmas observadas, a predominância dos alunos da escola são do centro. Através de aplicação de questionário, sugerido por Pimenta e Lima (2004), com algumas adaptações, levantou-se que 65% são alunos oriundos do centro e 35% do interior. Os questionários foram aplicados com 14 alunos do 8º ano e 17 do 9º ano, em 2015.

Para os alunos do interior a renda familiar provém da agricultura e avicultura. Já os alunos do centro são filhos de trabalhadores de laticínio, frigoríficos de Chapecó, serrarias, comércio, construção e familiares aposentados.

A disciplina preferida da maioria é Língua Portuguesa, com 22 alunos (dos 31 pesquisados) citando-a como preferida. Nenhum aluno citou História como uma das disciplinas favoritas. Em compensação, História foi a mais lembrada como a disciplina que os alunos pesquisados do Cândido Ramos não gostam, sendo mencionada como a “pior” disciplina por 20 alunos. Quando questionados diretamente se gostavam da disciplina, 77% disseram que não.

Na justificativa geral dos alunos, sobre por que não gostam da disciplina, aparecem na maioria respostas como “é chato” e “não tenho interesse em saber do passado”. Já os poucos que responderam que gostavam da disciplina justificaram que “é legal saber sobre os antepassados” e “aprendemos muitas coisas antigas”. As respostas são muito parecidas no 8º e 9º ano. Pode-se perceber, portanto, através do questionário, que os alunos possuem a visão de que a História é o estudo do passado. Eles não fazem a ligação com o presente e com a relação de transformações e rupturas da sociedade.

Conhecendo a realidade da escola, a estrutura, o funcionamento, um pouco dos alunos, os métodos de ensino que são utilizados, nos foi possível pensar nossa própria metodologia em sala de aula, os Planos de Ensino, Planos de Aula e o Plano de Intervenção a serem aplicados com as turmas no Estágio II, realizado em 2016. Assim, decidiu-se abordar a relação da história com o presente, demonstrando em todas as aulas que o ponto de partida é o presente. Além disso, procurando instigá-los a refletirem sobre a importância da disciplina em suas vivências diárias, foram adotadas metodologias em que eles participassem das aulas, construindo seu próprio conhecimento. Buscou-se fazer com que percebessem que a função da História é apresentar à sociedade uma explicação sobre ela mesma, discutir sobre as transformações e permanências. Para que os alunos pudessem ter uma compreensão maior, perceber o assunto mais “palpável”, sempre que possível estabeleceram-se relações com a História do município e região, bem como com acontecimentos recentes dessas localidades.

Com o 9º ano, por exemplo, trabalhou-se o tema “Primeira Repú-

blica” e para aplicação do Plano de Intervenção buscou-se iniciar cada aula com questões do presente. Vamos a partir de agora relatar algumas das experiências em sala.

Em um dos momentos foi trabalhado o tema “Economia, Industrialização e urbanização na Primeira República”. Para iniciar a aula foi abordada com os alunos a questão do êxodo rural de hoje, questionando sobre o que as pessoas procuram na cidade, enfim, fazendo uma reflexão atual e após entramos no tema da industrialização e urbanização na Primeira República, bem como a economia na época.

A reflexão do atual auxiliou para que eles percebessem que o Brasil já foi um país rural, assim como o município de Caxambu do Sul ainda é, mas que o momento que está tendo de saída de população do campo iniciou no país com a industrialização. Sem acesso a terra muitas famílias viam na indústria a possibilidade de renda. Durante a aula discutiu-se o modelo econômico que favorece desde o início os latifundiários, enquanto parte da população não possui terras. Já tratando-se das últimas décadas, percebe-se que mesmo os que possuem propriedades rurais foram deixando o campo visto as dificuldades encontradas e a promessa de um emprego com salário no final do mês na cidade. Mesmo com o avanço de políticas públicas nos últimos 20 anos, é um problema presente a falta de sucessão familiar, pois os jovens não querem, na sua maioria, permanecer no campo. Através da discussão do presente percebe-se que o êxodo rural possui, historicamente, ligações com dinâmicas como urbanização, industrialização, concentração fundiária e mecanização no campo.

Já em outra aula o assunto era “Guerra de Canudos”. Para iniciar, pudemos o debate sobre a situação dos nordestinos hoje e o preconceito que se tem com eles ainda. Logo após, teceu-se a ligação com a situação que viviam na Primeira República, a construção do povoado de Belo Monte (Canudos), a Guerra e o desfecho. Para subsidiar a aula apresentamos reportagens de jornais. Uma de 2013, por exemplo, que salientava que nos últimos 10 anos, a classe média no Nordeste chegou a 42% e também uma outra reportagem que falava sobre a seca no Nordeste em 2013 que castigou a população. Aproveitamos o “gancho” para comentar sobre a situação dos nordestinos após a República (situação agravada pela seca), problematizando que se mudou a forma de governo na época, mas para a população as mudanças não ocorreram de fato. Quem não possuía terra e era pobre continuou do mesmo jeito.

Outro tema trabalhado com a turma foi a “Guerra do Contestado (1912-1916)” e novamente iniciamos a aula com um debate atual, questionando os alunos se hoje há disputa por terras e se conhecem pessoas que ainda não possuem registro. Exemplificamos com um bairro do município em que os

moradores têm a posse dos terrenos, mas a condição não é legalizada. Os alunos entraram no debate mencionando exemplos de problemas semelhantes com moradores atingidos pela Usina Hidrelétrica Foz do Chapecó, construída entre o Rio Grande do Sul e Santa Catarina, em que o município de Caxambu do Sul foi um dos atingidos. Após essa reflexão inicial, passamos a falar do Contestado, a perda de terras dos posseiros para os fazendeiros e a situação que se agravou com a construção da ferrovia São Paulo - Rio Grande do Sul.

Em outro momento foi trabalhado o tema “Movimento Operário”. Iniciou-se discutindo com os alunos como são as condições de trabalho hoje, quantas horas normalmente as pessoas trabalham, alguns direitos (como 13º e férias), se menores podem trabalhar e como são as greves hoje. Após o debate atual, do presente, explanou-se sobre as condições de trabalho no início do século XX (fábricas insalubres, mal iluminadas, operários trabalhavam de 14 a 16 horas por dia, não havia férias, entre outros aspectos). Foi abordada a Greve de 1917, a maior do período, entre outros. Trabalhou-se ainda as transformações que ocorreram e as ameaças futuras, que já se discutiam na época.

O debate andou no sentido de explicar os progressos e recuos que se teve ao longo do tempo na questão trabalhista. No intuito que os alunos percebessem que o que acontece hoje não é algo desligado do passado, que é algo constantemente em transformação. As greves e condições trabalhistas de “outros tempos” são explicações para o presente.

Foram experiências muito interessantes. Os alunos tornavam as aulas bem participativas, falando do presente, estabelecendo relações com o passado, com as diferenças das épocas, dos momentos. Também apontavam, por vezes, as semelhanças. A metodologia foi avaliada como positiva, pois os alunos tiveram vontade de falar, de participar, contar e perceber suas experiências. Obviamente há temas mais fáceis de dialogar com o presente e outros nem tanto, mas sempre que possível essa relação precisa ser estabelecida.

Conforme ressaltam Pinsky e Pinsky (2012, p. 23), “o passado deve ser interrogado a partir de questões que nos inquietam no presente (caso contrário, estudá-lo fica sem sentido). Portanto, as aulas de História serão muito melhores se conseguirem estabelecer um duplo compromisso: com o passado e o presente”. Ainda segundo os autores:

Compromisso com o presente não significa, contudo, presentismo vulgar, ou seja, tentar encontrar no passado justificativas para atitudes, valores e ideologias praticados no presente (...). Significa tomar como referência questões sociais e culturais, assim como problemáticas humanas que fazem parte de nossa vida, temas como desigualdades sociais, raciais, sexuais, diferenças

culturais, problemas materiais e inquietações relacionadas a como interpretar o mundo, lidar com a morte, organizar a sociedade, estabelecer limites sociais, mudar esses limites, contestar a ordem, consolidar instituições, preservar tradições, realizar rupturas... (PINSKY e PINSKY, 2012, p. 23-24).

Com a turma do 8º ano, por exemplo, antes de ser abordado o tema da “Mineração”, foi realizado um debate sobre a situação dos negros durante a escravidão e no pós-abolição também. E, para provocar a reflexão inicial, questionamos os estudantes sobre a situação atual do negro em nível local, se eles ocupam algum espaço de poder; se os alunos lembram de quantos professores negros já tiveram e o que eles sabem sobre a presença dos negros em Santa Catarina. Aproveitamos para fazer um debate sobre a comunidade quilombola Invernada dos Negros, localizada em Campos Novos/SC e a invisibilidade do negro no Sul do país.

Outro exemplo com essa turma foi a aula em que abordamos sobre “Vila Rica/Ouro Preto – Patrimônios Históricos Culturais”, no contexto da mineração. Mas para isso, explicamos o que eram patrimônios e pedimos para que os alunos realizassem uma pesquisa sobre os patrimônios do município. O objetivo era que os estudantes percebessem a importância da pesquisa, além de incentivá-los a buscar e a construir conhecimento. Saíram trabalhos belíssimos, com indicações de patrimônios históricos culturais inclusive do interior.

A realização da pesquisa ativou o interesse dos alunos e eles mesmos se propuseram a compartilhar com os colegas em forma de apresentação. Eles se sentiram construtores do próprio conhecimento, pois em vez do professor chegar e reproduzir o conhecimento que possuía a respeito do assunto, eles foram buscar informações e puderam compartilhar com os colegas o que conheceram. Eles sentiram-se desafiados a conhecer e essa é uma característica da educação: desafiar-se ao saber.

Além disso, os alunos puderam perceber que a busca pelos patrimônios (alguns bem antigos) se deu pelas motivações que tiveram no presente, pois procuraram algo que se identificavam, ou que era de suas comunidades, por exemplo.

A experiência em sala de aula com a aplicação de um Plano de Intervenção foi muito interessante. E nos permite também estar preparado para os imprevistos e alterações de Planos de Aula.

Por exemplo, na aula realizada no dia 13 de maio, o marco tradicional do “fim da escravidão”, havia outro conteúdo programado, mas para realizar uma atividade que levasse a uma reflexão sobre a comemoração, problematizou-se a data e foi abordado todo o contexto das leis abolicionistas até chegar

na Lei Áurea, discutindo com eles que as datas históricas têm todo um contexto anterior e posterior a elas, como neste caso, não é o dia 13 de maio e nem a princesa Isabel que “acabou com a escravidão”. Foi possível trabalhar com eles a situação dos negros também pós-abolição e o debate atual sobre a situação do negro, permitindo que eles compreendessem o processo histórico e percebessem que a história não é feita de datas, fatos e nomes/heróis. Apenas utilizamos a data para problematizá-la.

Foi uma aula muito interessante e na qual não foi necessária a utilização de nada além de giz, quadro e participação dos alunos. Comprovando o que Karnal afirma:

Uma aula pode ser extremamente conservadora e ultrapassada contando com todos os mais modernos meios audiovisuais. Uma aula pode ser muito dinâmica e inovadora utilizando giz, professor e aluno. Em outras palavras, podemos utilizar meios novos, mas é a própria concepção de História que deve ser repensada. O recorte que o professor faz é uma opção política. Por mais antiga que pareça essa afirmação, ela se tornou muito importante num país como o nosso, redemocratizado nos aspectos formais, mas com padrões de desigualdade de fazer inveja aos genocídios clássicos do passado (KARNAL, 2012, p. 9).

Estar em sala de aula também nos requer estar atentos para contornar situações embaraçosas, devido a acontecimentos atuais. Em uma das aulas que foram desenvolvidas durante o estágio, a professora titular da turma avisou aos alunos que no dia seguinte eles teriam um teatro sobre combate à violência e exploração sexual e acabou vindo à tona em sala de aula, o caso da adolescente estuprada por 30 homens que foi notícia nos meios de comunicação naquele período. Uma aluna fez um comentário no sentido de que “também, a guria de 16 anos em um baile funk... e já tinha filho”. Foi necessário parar a aula e intervir na discussão, problematizando a questão do machismo presente na sociedade e a culpabilização das vítimas muitas vezes presente em episódios

² Trata-se da notícia de uma jovem de 16 anos que foi violentada por, pelo menos, 30 homens, em uma comunidade da Zona Oeste do Rio de Janeiro em maio de 2016. Na divulgação se usa o fato de que a adolescente tinha um filho e era usuária de drogas, tentando-se “justificar” o motivo da violência. Fazendo uma análise das matérias e comentários das pessoas tenta-se culpabilizar a vítima, o que é muito freqüente com mulheres vítimas de violência. Ver notícia: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/05/vitima-de-estupro-coletivo-no-rio-conta-que-acordou-dopada-e-nua.html>; Ou: <http://www.midiamax.com.br/midiamais/acordou-30-homens-sobre-ela-ainda-foi-julgada-pelo-tribunal-internet-302382>;

como este.

Nesses momentos acreditamos que é muito mais importante o professor parar a aula e fazer problematizações sobre assuntos polêmicos como esse, permitindo formar um aluno crítico, um cidadão, sem preconceitos e ideias mais tolerantes, do que simplesmente dar conta de conteúdos estabelecidos em Planos de Ensino. Até porque um assunto como esse, por exemplo, é decorrente de uma construção machista que historicamente vem se propagando de que a mulher tem que ser comportada, que se ela for violentada é porque a culpa é dela, não do agressor. São pensamentos como esse que devem ser desconstruídos e os professores devem debater isso. A História além de incentivar a produção do conhecimento histórico deve estar preocupada com a formação dos seres humanos, quanto cidadãos, e que possibilite a transformação da sociedade quando necessário. Os temas contemporâneos devem ser debatidos em sala de aula. Segundo Pinsky (2010, p. 32), “capacitar os estudantes para perceber a historicidade de concepções, mentalidades, práticas e formas de relações sociais é justamente uma das principais funções das aulas de História”.

Pinsky e Pinsky também defendem uma proposta a favor do conhecimento humanista. “Só uma educação de qualidade, que tenha o ser humano e suas realizações como eixo central, pode nos fazer, como nação, dar o salto qualitativo a que tanto aspiramos, por meio da qualificação de nossos jovens” (2012, p. 21). Eles alertam também para que os professores de História conscientizem-se da sua responsabilidade social diante dos alunos, ajudando-os “a compreender e – esperamos – a melhorar o mundo em que vivem” (PINSKY e PINSKY, 2012, p. 22).

Considerações finais

Após a constatação que a grande maioria de estudantes na EEB Cândido Ramos não gostava da disciplina de História e que praticamente 100% dos alunos percebiam a História como o estudo do passado, sem relacionar com as vivências diárias e do presente, desenvolveu-se durante o Estágio II o Projeto de Intervenção com o tema “Relação da História com o presente”.

Além do envolvimento e participação dos alunos durante as aulas ministradas, foi possível perceber na avaliação final, através de questionário, a mudança de percepção dos alunos quanto às aulas de História. Em vez de aulas “chatas”, eles ao final consideravam “divertidas”. Boa parte dos alunos também conseguiu estabelecer relações da História com as relações sociais, com o presente, com suas vivências. Dessa forma, apesar de imprevistos e de serem poucas aulas durante um estágio, acreditamos ter atingido nossos objetivos propostos no Plano de Intervenção.

Não se pode perder de vista o processo histórico e os sujeitos, pois os grupos humanos, em seus espaços e seus variados tempos é que constroem a História. Portanto, o aluno deve, antes de tudo ter consciência do seu próprio tempo, da sociedade em que vive e as vivências cotidianas, as relações sociais, o entendimento do seu próprio lugar nessa sociedade, as relações que constrói ou pode ajudar a construir, a sua identidade pessoal e social. Assim o aluno também poderá entender as transformações da sociedade ao longo do tempo e as permanências. Poderá também contribuir com as continuidades no seu próprio tempo e/ou com as rupturas. Para isso, o professor de História tem grande importância para despertar essa consciência e permitir que o aluno construa a História e também o conhecimento.

Referências

- BLOCH, Marc Leopold Benjamin. Apologia da História, ou, O ofício de historiador. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BORGES, Vavy Pacheco. O que é história? São Paulo: Brasiliense, 1993.
- HOBSBAWM, Eric. O que a História tem a dizer-nos sobre a sociedade contemporânea?. In: Sobre História. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- KARNAL, Leandro (org.). História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas. 6ª Ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- MORETTI, Francielie. O Estágio Supervisionado em História: Limites e Possibilidades na atuação docente do acadêmico de História. Uniamérica: Anais do IV Congresso Internacional de Educação, VII Semana Acadêmica do Curso de Pedagogia da Uniamérica: 2013.
- PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. Estágio e Docência. 7ª ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- PINSKY, Carla Bassanezi (org). Novos Temas nas Aulas de História. 2ª edição. São Paulo: Contexto, 2010.
- PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi. Por uma História prazerosa e consequente. In: KARNAL, Leandro (org.). História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas. 6ª Ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- SCHMIDT, Maria Auxiliadora. História. In: KUENZER, Acacia Zeneida (org). Ensino Médio: Construindo uma proposta para os que vivem do trabalho. 6ª ed – São Paulo: Cortez, 2009, p. 203-230.

Samira Peruchi Moretto - Possui graduação em História pela Universidade Federal de Santa Catarina, Mestrado e Doutorado em História pela mesma Universidade. Atualmente é professora efetiva do Curso de História da Universidade Federal da Fronteira Sul.

Ânderson Marcelo Schmitt - É graduado em História pela Universidade de Passo Fundo. Mestre em História pela mesma Universidade. Doutorando em História Cultural pela Universidade Federal de Santa Catarina - bolsista CNPq. Foi professor substituto no curso de História na Universidade Federal da Fronteira Sul, campus Chapecó (2015-2017).

Lidiane Taffarel - Possui graduação em Jornalismo pela Universidade Comunitária da Região de Chapecó e em História pela Universidade Federal da Fronteira Sul. Especialização em Comunicação e Marketing Político pela Universidade Comunitária da Região de Chapecó e em Gestão Pública Instituto Federal de Santa Catarina. Atualmente é Analista de Comunicação e Marketing da Sistema das Cooperativas de Crédito Rural com Interação Solidária.

Recebido para publicação em 19 de Outubro de 2017.

Aceito para publicação em 12 de Novembro de 2017.

Contribuição dos autores:

Os autores declaram participação conjunta na construção deste estudo, por meio da análise e interpretação das informações, leitura e interpretação do referencial teórico e da redação do texto